



HORIZONTE

REVISTA DE ESTUDOS DE TEOLOGIA E CIÊNCIAS DA RELIGIÃO
da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS

Grão-Chanceler: Dom Walmor Oliveira de Azevedo
Reitor: Eustáquio Afonso Araújo
Vice-reitor: Pe. Joaquim Giovani Mol Guimarães
Assessor Especial da Reitoria: José Tarcísio Amorim
Chefe de Gabinete do Reitor: Oswaldo Rocha Tôrres
Pró-reitores: *Extensão* – Vera Maria Neves Victor Ananias; *Gestão Financeira* – Paulo Sérgio Gontijo do Carmo; *Graduação* – Maria Inês Martins; *Infra-estrutura* – Rômulo Albertini Rigueira; *Logística* – Sérgio de Moraes Hanriot; *Pesquisa e de Pós-graduação* – João Francisco de Abreu; *Planejamento e Desenvolvimento Institucional* – Carlos Francisco Gomes; *Recursos Humanos* – Alexandre Rezende Guimarães; *Arcos* – Wanderley Chieppe Felipe; *Betim* – Miguel Alonso de Gouveia Valle; *Contagem* – Geraldo Márcio Alves Guimarães; *Poços de Caldas* – Maria José Viana Marinho de Mattos; *São Gabriel* – Carlos Barreto Ribas
Diretores: *Barreiro* – Patrícia Bernardes; *Serro* – Ronaldo Rajão Santiago
Secretaria de Comunicação: Maurício Lara Camargos
Secretaria Geral: Flávio Augusto Barros
Secretaria de Ação Comunitária: José Chequer Neto
Instituto de Ciências Humanas: Pe. Márcio Antônio de Paiva
Chefe do Departamento de Filosofia e Teologia: Pe. João Nogueira Pereira

EDITORA PUC MINAS

Comissão Editorial: Ângela Vaz Leão (PUC Minas); Graça Paulino (UFMG); José Newton Garcia de Araújo (PUC Minas); Lucília Neves (PUC Minas); Maria Zilda Cury (UFMG); Oswaldo Bueno Amorim Filho (PUC Minas)
Conselho Editorial: Antônio Cota Marçal (PUC Minas); Benjamin Abdalla (USP); Carlos Reis (Universidade de Coimbra); Dídima Olave Farias (Universidad del Bío-Bío – Chile); Evando Mirra de Paula e Silva (UFMG); Gonçalo Byrne (Lisboa); José Salomão Amorim (UnB); José Viriato Coelho Vargas (UFPR); Kabengele Munanga (USP); Lélia Parreira Duarte (PUC Minas); Leonardo Barci Castriota (UFMG); Maria Lúcia Lepecki (Universidade de Lisboa); Philippe Remy Bernard Devloo (Unicamp); Regina Leite Garcia (UFF) Rita Chaves (USP); Sylvio Bandeira de Mello (UFBA)
Coordenação Editorial: Cláudia Teles de Menezes Teixeira
Assistente Editorial: Maria Cristina Araújo Rabelo
Revisão: Astrid Masetti Lobo Costa
Virgínia Mata Machado

EDITORA PUC MINAS: Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais • R. Pe. Pedro Evangelista, 377 • Coração Eucarístico • Tel: (31) 3375.8189 • Fax: (31) 3376.6498 • 30535-490 • Belo Horizonte • Minas Gerais • Brasil
• e-mail: editora@pucminas.br. Tiragem: 700 exemplares.

ISSN 1679-9615

HORIZONTE

REVISTA DE ESTUDOS DE TEOLOGIA E CIÊNCIAS DA RELIGIÃO
da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

<i>Horizonte</i>	Belo Horizonte	v. 4	n. 8	p. 1-176	jun. 2006
------------------	----------------	------	------	----------	-----------

EDITOR

Paulo Agostinho Nogueira Baptista

COMISSÃO DE REDAÇÃO

Dr. Flávio Augusto Senra Ribeiro
Dr. José Carlos Aguiar de Souza
Dr. Márcio Antônio de Paiva

Dr. Mauro Passos
Ms. Wellington Teodoro da Silva
Ms. Victor René Villavicencio Matienzo

CONSELHO EDITORIAL

Brasil:

Dr. Agnaldo Cuoco Portugal – UnB
Dr. Alexandre Antônio Cardoso – UFMG
Dr. Pe. Antônio Francisco da Silva – PUC Minas
Dr. Pe. Cleto Caliman – Faje/Ista
Dr. Degislando Nóbrega de Lima – Unicap
Dr. Faustino Luiz Couto Teixeira – UFJF
Dr. Inácio Neutzling – Unisinos
Dr. Pe. Jaldemir Vitório – Faje
Dr. Pe. João Batista Libanio – Faje
Dr. João Décio Passos – PUC-SP
Dr. Pe. João Justino de Medeiros Silva – Itasa – JF
Ms. Dom Joaquim Giovanni Mol Guimarães – PUC Minas
Dr. Pe. Johan Konings – Faje
Dom José Maria Pires – PUC Minas
Dr. José Tavares Barros – UFMG/Faje
Dr. Juarez da Rocha Guimarães – UFMG
Dr. Jung Mo Sung – Umesp
Ms. Frei Luiz Antônio Pinheiro – PUC Minas

Dr. Frei Luiz Carlos Susin – PUC-RS
Dr. Marcelo Ayres Camurça – UFJF
Dra. Maria Carmelita de Freitas – Faje/Ista
Dr. Paulo Fernando C. de Andrade – PUC-Rio
Ms. Salustiano Álvarez Gómez – PUC Minas
Dr. Sérgio Figueiredo Ferretti – UFMA
Ms. Sílvia Maria de Contaldo – PUC Minas
Dr. Valério Guilherme Schaper – EST
Dr. Valmor da Silva – UCG
Dr. Vinicius Mariano de Carvalho – UFJF
Pe. Wolfgang Gruen – Ista/PUC Minas

Exterior:

Dr. Juan Manuel Navarro Córdón – Univ. Complutense de Madrid
Dr. Klaus Dirscherl – Universität Passau – Alemanha
Dra. Martha Zechmeister – Universität Passau – Alemanha
Dr. Maurizio Bach – Universität Passau – Alemanha
Dr. William Desmond – Katholieke Universiteit Leuven – Bélgica

INDEXADORES

- IBICT (CCN – Catálogo coletivo nacional)
- Clase
- Sumários.org

Endereço eletrônico:

e-mail: revistahorizonte@pucminas.br

Edição *on-line*: <http://www.pucminas.br/editora/index.php?pai=706&menu=1126&cabecalho=21&lateral=5>

Endereço para correspondência:

Av. Dom José Gaspar, 500 • Prédio 6, sala 128 • Fone: (51) 3519-4581 • Fax: (51) 3519-4518 •
Cx. Postal n. 1.686 • 30535-901 • Belo Horizonte • MG • Brasil

Horizonte; Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião da Pontifícia
Universidade Católica de Minas Gerais. – v. 1, n. 1, 1º sem. 1997 – .
– Belo Horizonte: PUC Minas, 2006 –

Semestral

ISSN 1679-9615

1. Teologia I. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

CDU: 2 (05)

Indexação: IBICT (CCN – Catálogo Coletivo Nacional)

Sumário

EDITORIAL

O desafio da crise ética

Flávio Senra7

APRESENTAÇÃO11

ARTIGOS/ARTICLES

Religião e paz: teses a partir de uma visão cristã em perspectiva evangélico-luterana

(Religion and peace: theses based on a Christian view in an Evangelical-Lutheran perspective)

Rudolf von Sinner17

Santuários, romarias e discipulado cristão

(Sanctuaries, pilgrimages and Christian discipleship)

Edênio Valle31

A cidade, entre a cruz e o avião

(The city, between the cross and the plane)

Mariângela de Andrade Paraizo49

Memórias das mulheres mártires: modelos de resistência e liberdade

(Memories of martyr women: models of resistance and freedom)

Silvia M. A. Siqueira60

Em busca do dossel sagrado

(In search of the holy canopy)

Rodrigo Portella77

A “basicidade” da crença em Deus segundo Alvin Plantinga: uma apresentação

(The basicity of the belief in God according to Alvin Plantinga: a presentation)

Guilherme V. R. de Carvalho97

A (re)volta do mito e do imaginário no esquematismo transcendente da epistemologia vintecentista e seu alcance social

(The (re)turn of myth and of the imaginary in the transcendent schematics of 20th – century epistemology and its social scope)

Arilson Silva de Oliveira114

<i>Horizonte</i>	Belo Horizonte	v. 4	n. 8	p. 1-176	jun. 2006
------------------	----------------	------	------	----------	-----------

COMUNICAÇÕES/PAPERS

As estratégias de legitimação da umbanda durante o Estado Novo
institucionalização e evolucionismo

(Strategies of legitimization of *umbanda* during the *Estado Novo*
(New State): institutionalization and evolutionism)

José Henrique M. Oliveira133

DISSERTAÇÕES E TESES/DISSERTATIONS AND THESES

Fora da poesia não há salvação

(Outside poetry there is no salvation)

Vinicius Mariano de Carvalho147

RESENHAS/REVIEWS

SENA, Luzia (Org.). **Ensino religioso e formação docente**

(Religious teaching and teacher qualification)

Amauri Carlos Ferreira153

SANGENIS, Luiz Fernando Conde. **Gênese do pensamento único em
educação: franciscanismo e jesuitismo na história da educação brasileira**
(Genesis of an only thought in education: franciscanism and
Jesuitism in the history of Brazilian education)

Antônio Francisco da Silva156

TREVISAN, A. **Santo Tomás de Aquino – O Credo: tradução,**

prefácio, introdução e notas

(Saint Thomas of Aquinas – The Creed: translation,

preface, introduction and notes)

Ivonei Antônio de Oliveira158

BENELLI, Sílvio José. **Pescadores de homens.** Estudo psicossocial de
um seminário católico

(Fishers of men. A psycho-social study of a Catholic seminary)

João Batista Libanio159

ESTRADA, Juan Antonio. **A impossível teodicéia: a crise de fé em**

Deus e o problema do mal

(The impossible theodicy: the crisis of faith in God and the problem of evil)

Lindomar Rocha Mota163

USARSKI, Frank. **Constituintes da Ciência da Religião: cinco ensaios**
em prol de uma disciplina

(Constituents of the Science of Religion: five essays on behalf of a discipline)

Roberlei Panasiewicz165

CONGAR, Yves. **Ele é o Senhor e dá a vida**

(He is the Lord and bestows life)

Roberlei Panasiewicz168

Normas para apresentação de trabalhos173

Editorial

O desafio da crise ética

O PROBLEMA DA CRISE ÉTICA deve ser nomeado filosoficamente como o problema do niilismo. Essa experiência remonta às origens do pensamento ocidental e teve sua expressão acabada na filosofia e na literatura dos séculos XIX e XX. Trata-se de uma crise de metas, de valores e de sentido vivida também nos dias atuais, embora seja uma característica de todos os tempos. O niilismo pode ser vivido como a superação dessa crise, mas sobretudo como a condição que gera, sustenta e interpreta a própria crise. Essa situação nos reporta à unidade metafísico-moral-religiosa do problema. A situação do ser humano na construção de si e do mundo tem que ver-se, nessa tarefa, com um material de difícil compreensão e manuseio. Esse material mundano é propriamente constituído pelo que não se deixa prender ou apreender em algum conceito ou idealização. Animada pelo devir, a vida se faz de contradições, desencontros e processos sem fim de constante metamorfose de si mesma. Que outra seria a verdade da vida? Assim, falando propriamente da condição que gera essa compreensão da crise, poderíamos identificar o desejo de não mais viver crise alguma, a negação do caráter constitutivo do que existe, a perspectiva que nos leva a tematizar a chamada crise ética. Essa atitude tentou, originariamente, descobrir no mundo o que não estivesse marcado pelo selo da transitoriedade. Ao não encontrá-lo, cuidou-se de inventá-lo. Desde então, vivemos às voltas com a manutenção dessa invenção, desse sonho do encontro e da descoberta da ordem eterna e imutável. Todos os desdobramentos e dificuldades na sustentação desse ideal-ídolo marcam o elemento crítico da propalada crise ética. Construir um mundo que faça sentido foi uma tarefa que o homem enfrentou, mascarando a verdade sobre o mundo e sobre a vida – esse é o elemento oculto da tentativa de reconstrução da unidade, que parece estar na base dos discursos sobre a ética em nossos dias.

Quando investigamos a crise de valores e de sentido, de forma mais comum identificamos essa realidade com a crise ética. Contudo, os discursos sobre ética têm sido apresentados como uma panacéia. Vivemos uma *eticose*. De líderes políticos a líderes religiosos, da academia aos vendedores do mercado, a expressão redentora, embora docemente desconhecida, é o “resgate da ética”. A *eticose* nos

leva a crer que existirá em qualquer momento, a partir de certas condições idealizadas, o reencontro com a unidade primordial ou com uma proto-realidade que faz existir um mundo impossível, embora desejado. Essa realidade está se consolidando de tal maneira que um curso de ética, por exemplo, tem de se construir, na maior parte do tempo, como a desconstrução da compreensão geral, meio culta, meio senso comum, da questão ética.

O que afinal de contas seja a ética não é o objeto desta reflexão. É preciso remeter-se à larga tradição filosófica para apreender as variações possíveis da questão. Interessa-nos, contudo, expressar uma intuição do comportamento que se desespera com a crise e busca como alternativa uma nova e (im)possível solução mágica para o problema da vida, desconsiderando os modos próprios de seu ser-devir. É preciso perguntar-se sobre o significado dessa crise e o que ela sinaliza. Em todo caso, é necessário compreender que se trata de um processo, de um contínuo aprimoramento e ultrapassagem das atuais condições humanas e sociais. Não se trata de acolher como normais as mazelas humanas e intransponíveis, os desafios da vida. Muito ao contrário, abandonar o desejo de encontrar um ético em si, como se se tratasse de um conteúdo, posto que não é, remete às condições de pensar a vida a partir de sua verdade.

A crise nos diz que algo falta, ou melhor, que falta a meta. Ao investigar a questão a partir de uma filosofia crítica ao mundo produzido pelo platonismo cristão, compreendemos que a crise que aparece com o nome de niilismo é um processo muito antigo. Provavelmente, a atitude ascética de negação da verdade da vida seja mesmo anterior à elaboração filosófica dos gregos. Contudo, a filosofia posterior ao período trágico não soube enfrentar tal verdade, evitando o problema e colocando-o como impossível. Ao evitar o problema da verdade da vida, tal interpretação da vida, assumida como verdade, pregou que o problema do niilismo, da crise, da carência, da falta deve ser evitado. Ou melhor, contrariamente, assumido como caráter negativo do mundo e da vida. Buscando no além supra-humano a resposta para os problemas da vida, criou-se um mundo verdadeiro em si. Religiosidade “platônica”? Filosofia “cristã”? Pois bem, a invenção dos transmundos é a armadilha em que estamos metidos desde então. Preferimos pensar os universos ideais de um além impossível a encarar as contradições e condições reais da vida, o lugar próprio em que as superações devem acontecer como criação processual e contínua. O problema da crise ética não é tanto o de uma crise de valores, mas sobretudo o pensar a partir de valores ultramundanos e sobre-humanos. Nada conseguimos de superação, porque desejamos criar na terra o paraíso e o humano como um ser divino (perfeito).

A conversão do cristianismo ao império, seguida de muitas outras mudanças, significa muito mais do que uma adequação a um modelo político de governança religiosa do mundo, pois representa a adesão à ideológica armadilha montada para configurar a fuga do mundo para melhor viver no mundo. Essa armadilha não

foi montada por gregos ou cristãos, como Platão ou Aristóteles, Paulo ou certo discurso teológico-filosófico, mas por muitos que talvez não os tenham compreendido e ensinaram o engano da fuga do mundo. Alguns aprenderam, outros lutam até hoje, resistindo à tentação de resolver os problemas do mundo fugindo dele.

Se a história se construiu de tal maneira que os valores foram ensinados como mentiras, os valores estão vazios. Os valores que aprendemos seriam ídolos. Nesse sentido, no lugar de pensar a crise ética como a crise de valores, deveríamos tematizá-la como a crise que deve superar a própria crise e produzir novos valores para um novo tempo. Trata-se de pensar o crepúsculo dos deuses, numa expressão que a filosofia, em distintos autores, consolidou como “morte de Deus”. É preciso ler com muita atenção esse tema difícil da filosofia, talvez o mais difícil, para entender a crise ética de nosso tempo. Nessa palavra difícil se encontram o segredo e o diagnóstico daquilo que estávamos buscando há muito tempo e que se identifica com o nada, posto que foi buscado como negação do mundo. E sendo nada, tudo aquilo que sobre ele estava edificado: a nossa moral, a nossa religião, a nossa ciência, a nossa filosofia não têm mais sentido. Se for assim, se for essa a verdade, estamos diante da tarefa de reconstruir todo o edifício filosófico, científico, teológico e religioso. Estamos diante da crise propriamente dita, mas a crise como uma tarefa, não como maldição.

Por crise ética entendemos, portanto, a ruína de todos os valores construídos sob uma ilusão humana. Qual seria então a nossa tarefa? A tarefa está em reconquistar o apetite pela vida e o amor pelo mundo. Um apetite que reconhece o contraditório e o ama. Um apetite que não se perde diante dessa verdade da vida nem se desespera diante das difíceis tarefas de construir o mundo e o ser humano, igualmente feitos da mesma matéria. O apetite pela vida é a resposta que temos como uma das possibilidades de enfrentamento da crise ética de nossos dias. Esse apetite se traduz como apetite pelo mundo, não obstante suas dificuldades e contradições. Um apetite pelo inaudito, pelo caótico, pelo sombrio e luminoso. Um apetite trágico, um amor capaz de amar um talvez perigoso. Um amor novo, amor divino pelo que é da vida. O sagrado amor laico ama o mundo e a vida com radicalidade. Se aprendemos que o mundo vale pouco ou quase nada, por que deveríamos respeitá-lo? Se o mundo que vale é outro, por que ter respeito ao próximo, honrar os compromissos e respeitar os limites da terra? Entendemos mal o transitório e o passageiro da vida. A crença no capítulo seguinte e a idéia de uma verdade-fantasma acabaram por liberar a carnificina humana, social e ecológica.

É a partir desse lugar que o discurso ético será eficaz, não como a implantação de um mundo estranho e idealizado, mas como reflexão e criação das possibilidades de ser no mundo e de fazer-se a partir dele. Se ética continuar sendo a palavra usada por nós para recuperar o bem escondido no além, nada temos a fazer. Estaremos brincando de nada. Estaremos fazendo de conta que queremos a tal da ética. Talvez apenas queiramos o paraíso de preguiçosos.

Contra a retórica vazia, o compromisso e as atitudes. O desafio ético nos dias atuais tem a ver com nosso compromisso com a vida e com o mundo. Um compromisso que, desde cedo, ao longo de nossa tradição, tem-se evitado. Essa crise se mostra como falta de meta, falta de sentido, falta de valor, sim. Mas a meta, o sentido e o valor residem no mundo, é feito carne, habita em nós.

Flávio Senra

Doutor em Filosofia, coordenador
do PPGCR – PUC Minas
Contato: flaviosenra@pucminas.br

Apresentação

HORIZONTE GANHOU EM 2006 duas novas indexações: Clase (Citas Latinoamericanas en Ciencias Sociales y Humanidades) e Sumários.org. Este número traz como artigo inicial um texto de Rudolf von Sinner, professor da Escola Superior de Teologia (EST): “Religião e paz: teses a partir duma visão cristã em perspectiva evangélico-luterana”. Sinner apresenta 12 teses que se preocupam em articular a paz e a justiça social na perspectiva de uma nova cultura, a cultura da paz. Num contexto de intolerância, de fanatismo e de fundamentalismo, o artigo nos provoca a pensar em cada uma das teses: “Quem quer falar de paz precisa de...”. Provocados, podemos continuar a refletir: o que precisamos fazer, a partir da religião, para transformar essa realidade?

Edênio Valle, sacerdote e professor da PUC-SP, conhecido por sua atuação no campo da Psicologia da Religião, oferece o texto “Santuários, romarias e discipulado cristão”, resumo de sua palestra no IV Congresso Americano de Santuários Católicos, em Aparecida (maio de 2006). Sob três olhares – bíblico-teológico, psicoantropológico e pastoral – o artigo leva a refletir sobre a religiosidade popular e sobre a importância e a responsabilidade de todos os envolvidos nesse processo, desde as comunidades de onde partem os romeiros até aqueles encarregados da acolhida e atendimento dos peregrinos nos santuários.

Ainda no campo dos desafios religiosos contemporâneos, depois da paz e do local sagrado (santuário), o terceiro artigo, “A cidade, entre a cruz e o avião”, de Mariângela Paraizo, apresenta uma leitura “da relação entre a cidade, a morte e algumas religiões”. Se no passado a criação das cidades, a religião e a morte tiveram certa relação, tendo como base determinado paradigma, no contexto do século XXI, com a crise e a transformação das cidades, das religiões e da visão sobre a morte, que novos paradigmas podem estar em “consonância com as aspirações contemporâneas”?

Com o olhar que articula o passado e o presente, “Memórias das mulheres mártires: modelos de resistência e liberdade”, de Sílvia Siqueira, professora da Unesp-Assis, destaca “as experiências e as ações das mulheres”, especialmente de Perpétua e Felicidade, que ousaram ir além das “barreiras sociais e religiosas” e, a

partir da fé, enfrentaram toda forma de obstáculo, inclusive a prisão e a condenação ao suplício. Nossa sensibilidade atual, marcada, dentre diversos olhares, pela questão de gênero, valoriza como nunca a longa caminhada de “resistência e liberdade” da atuação feminina, seu exemplo e sua marca profética nas comunidades cristãs.

O passado também retorna e desafia a sociologia a interpretar esse processo. Rodrigo Portela – doutorando em Ciência da Religião da UFJF – apresenta o artigo “Em busca do Dossel Sagrado”, em que procura explicar “o surgimento, em nossa época, de movimentos eclesiais católicos de cunho ‘tradicional’, que resgatem estilos de vida religiosa identificados com o passado”. Sua hipótese, a partir da teoria de Peter Berger e estudando o movimento “Toca de Assis”, é que o passado oferece “segurança e proteção” e, diante da secularização e da pós-modernidade e resistindo a esse processo, cresce entre os jovens a procura por “costumes, liturgias e doutrinas mais rígidas ou conservadoras”.

Entrando na fronteira entre filosofia e teologia, Guilherme Carvalho, mestrando em Ciências da Religião da Umesp, traz o artigo “A basicidade da crença em Deus segundo Alvin Plantinga”, cujo objetivo é apresentar a “defesa da racionalidade da crença em Deus” segundo o filósofo Alvin Plantinga. A posição defendida no texto parte do “colapso” do “fundacionalismo clássico”. Na perspectiva de uma epistemologia “externalista”, Plantinga discute a crença em Deus à luz do conceito de “crença apropriadamente básica”, que não exigiria, por ser natural, nenhum argumento ou demonstração racional. E Carvalho conclui seu artigo dizendo: “Se a crença em Deus for mesmo apropriadamente básica, a rejeição moderna ao teísmo terá sido uma experiência de auto-repressão religiosa; a batalha inglória, e desde o início perdida, de um ascetismo epistemológico doentio contra a insidiosa tentação cognitiva da experiência humana de Deus”.

Em “A (re)volta do mito e do imaginário no esquematismo transcendente da epistemologia vintecentista e seu alcance social”, Arilson Oliveira, mestrando em Sociologia da USP, reflete sobre a abordagem do mito e do imaginário que não mais se fundamenta no racionalismo cartesiano e no positivismo do século XIX. Opondo-se ao “dualismo filosófico” entre materialismo e subjetivismo, os citados Eliade e Durand superam as leituras tradicionais e valorizam a “força diretiva dos mitos” e o significado do imaginário na dinâmica social e na cultura.

A seção “Comunicações” traz o trabalho de José Henrique Oliveira, “As estratégias de legitimação da umbanda durante o Estado Novo: institucionalização e evolucionismo”.

O resumo da tese de Vinicius Carvalho, defendida na Universidade de Passau – Alemanha, apresenta uma provocação literária a conhecido tema da teologia: “Fora da poesia não há salvação: uma hermenêutica literária da poesia de Mário Quintana à luz da via negativa”.

Diversas resenhas compõem, finalmente, este número de **Horizonte**: Amauri

Ferreira resenha o livro “SENA, Luzia (Org.). **Ensino religioso e formação docente**. São Paulo: Paulinas, 2006”. Antônio Francisco da Silva apresenta o livro “SANGENIS, Luiz Fernando Conde. **Gênese do pensamento único em educação**. Franciscanismo e jesuitismo na história da educação brasileira. Petrópolis: Vozes, 2006”. Ivonei Oliveira traz o livro “TREVISAN, A. **Santo Tomás de Aquino – o credo**: tradução, prefácio, introdução e notas. Petrópolis: Editora Vozes, 2006”. João Batista Libanio resenha “BENELLI, Sílvio José. **Pescadores de homens**. Estudo psicossocial de um seminário católico. São Paulo: Editora Unesp, 2006”. Lindomar Mota oferece a resenha de “ESTRADA, Juan Antonio. **A impossível teodicéia**: a crise de fé em Deus e o problema do mal. São Paulo: Paulinas, 2004”. E Roberlei Panasiewicz apresenta dois livros: “USARSKI, Frank. **Constituintes da ciência da religião**: cinco ensaios em prol de uma disciplina. São Paulo: Paulinas, 2006” e “CONGAR, Yves. **Ele é o Senhor e dá a vida**. São Paulo: Paulinas, 2005”.

Uma boa leitura e divulgue **Horizonte**.